



A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: QUESTIONAR É APRENDER.

Frederico Jorge Saad Guirra¹

RESUMO: A escola se constituiu, ao longo da história, como umas das instituições mais importantes na vida e na formação integral do ser humano. Apesar dessa importância, percebe-se que nela impera uma ausência de questionamentos, isto é, a aceitação das coisas como elas são e como se apresentam, a falta de estímulo à reflexão sobre a sociedade e sobre como algumas coisas são impostas e aceitas silenciosamente. Essas constatações foram alguns dos fatores que motivaram este trabalho de pesquisa, que teve por objetivo questionar se os professores da cidade de Barra do Garças-MT, licenciados em Educação Física, compreendem qual a importância da Filosofia para a sua formação e sua prática profissional. Como parte da pesquisa, os alunos do 1º ano de Educação Física das Faculdades UNIVAR, de posse desse questionamento foram a campo e entrevistaram 30 professores da rede pública municipal e estadual da cidade. As respostas foram separadas em quatro categorias, para uma melhor análise e interpretação dos dados, e, em diálogo com o referencial escolhido, pôde-se observar, como resultado, que a maior parte dos entrevistados não consegue reconhecer a importância da Filosofia em sua prática pedagógica.

PALAVRAS CHAVE: Filosofia. Professor. Educação Física. Formação Acadêmica.

THE IMPORTANCE OF PHILOSOPHY IN TEACHER OF PHYSICAL EDUCATION: QUESTIONING IS LEARN.

ABSTRACT: The school was formed, throughout history, as one of the most important institutions in the life and training of the human being. Despite its importance, it is perceived that there prevails an absence of questions, ie, acceptance of things as they are and how they present themselves, the lack of stimulus to reflection on society and how some things are imposed and accepted silently. These findings were some of the factors that motivated this research, which aimed to question whether the teachers of the city of Barra do Garças-MT, licensed in Physical Education, which understand the importance of philosophy to their training and their professional practice. As part of the research students of 1st year Physical Education of Colleges UNIVAR, in possession of the field and questioning were interviewed 30 teachers of municipal and state of the city. The responses were separated into four categories, for a better analysis and interpretation of data, and in dialogue with the chosen benchmark, we observed, as a result, the majority of respondents not recognize the importance of philosophy in their practice pedagogical.

KEYWORDS: Philosophy. Professor. Physical Education. Education.

¹ Doutorando em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Unicamp, na área de concentração Educação Física e Sociedade, na linha de Políticas Públicas em esporte e Lazer. Professor das Faculdades Univar na disciplina Dimensões Sócio-Filosóficas da Educação Física. E-mail: fredguirra@uol.com.br



INTRODUÇÃO

A família é a primeira responsável pela educação da criança, levando-a a adquirir e desenvolver, desde cedo, os significados e os valores que servirão de base para sua inserção social e a conquista de sua cidadania. Ainda na infância, momento rico em descobertas, uma outra instituição, a escola, é também responsável por ajudar a criança a se apossar do conhecimento sistematizado, que, somado aos conhecimentos adquiridos na família, influenciará diretamente no seu desenvolvimento integral e em sua vida em sociedade.

Diante de tamanha responsabilidade, faz-se necessária a presença de um mediador, alguém que possa auxiliar a criança e o jovem no processo de organização do conhecimento, que, no caso da escola, podem ser, além do professor, os próprios colegas. Na construção desse processo, o professor deve, acima de tudo, contribuir e participar efetivamente, auxiliando e fazendo com que as crianças possam refletir sobre o seu corpo e os movimentos por ele realizados, inteirando-as dos aspectos culturais, sociais, econômicos do contexto em que vivem, possibilitando, assim, levar em consideração assuntos pertinentes à vida dos alunos, como forma de auxiliá-los a atingir um nível desejável de desenvolvimento, e de forma a lhes dar condições de trabalhar com suas possibilidades e limitações. Entende-se, assim, a responsabilidade da escola e do professor na educação das novas gerações, agindo como mediadores na formação de um sujeito social, de direitos e ético. Tal papel de mediação deve levar professor e escola a buscar as possibilidades de sempre refletir sobre sua prática e metodologias, tendo em vista o respeito às individualidades e às particularidades de cada pessoa.

No entanto, sabemos que o afirmado acima toma ares de utopia, de um discurso falacioso, principalmente quando se percebe que em todo o ambiente dentro da instituição escola, os indivíduos que nela interagem têm que se educar, principalmente, em seus instintos e emoções. Por esse motivo, muitas vezes, professores, alunos, diretores e coordenadores são obrigados, diante do olhar da sociedade, e em nome de uma suposta ordem, a calar e a aceitar a situação vigente, mesmo que isso afete a educação e a formação dos alunos. Dessa forma, a escola se torna um cativeiro, e o professor deixa de exercer um importante papel, no sentido de auxiliar o desenvolvimento e o esclarecimento de formas particulares de refletir sobre os conteúdos e como eles interferem no cotidiano da sociedade e em suas mudanças. Barbosa (2005, p.125) nos expressa com muita propriedade a importância do professor nesse processo educacional, ao escolher sua metodologia de ensino:



(...) é essencial que o professor ajude o aluno a dominar seus conteúdos, desde que esses conteúdos sejam relevantes e significativos. Quando o professor não consegue garantir a apropriação desses conteúdos, os alunos, a maioria membros das camadas mais populares, não podem fazer valer seus interesses, porque ficam desarmados contra os dominadores, que servem exatamente desses conteúdos para legitimar e consolidar essa dominação.

Medina (2005, p.40) nos remete à instituição escolar como local em que o conhecimento é transformado em desconhecimento, não possuindo um comprometimento maior com a verdadeira natureza do ser humano e, portanto, sem maiores preocupações com os aspectos mais relevantes do seu crescimento, não contribuindo para a formação dos alunos, futuros cidadãos.

Dentro do currículo escolar, disciplinas como a Sociologia, a Filosofia, a Antropologia são ridicularizadas, em detrimento do mecanicismo e engessamento das ciências duras, como a Matemática, a Física e a Química, muitas vezes utilizadas pelos professores, ao longo de um ano letivo inteiro, sem que os alunos sejam esclarecidos da importância de alguns desses conhecimentos e sua real importância para suas vidas. Especialmente no caso da Filosofia, mesmo negada, e muitas vezes ocupando papel secundário em nossa sociedade, ela ocupa o seu lugar de destaque em nossas vidas, seja quando questionamos o porquê das coisas, ou para que elas servem, suas consequências e qual o nosso papel dentro do contexto social, pois, se observarmos com atenção, vivemos em nosso dia a dia situações que nos levam a constantes questionamentos, que, para serem respondidos, levam a outros questionamentos. Por isso, não se pode negar que educação e filosofia caminham em estreita relação, complementando-se.

Stucchi (2010, p.01) nos diz que:

A educação além de estimular o pensamento reflexivo do ser humano, deve propiciar a construção do raciocínio lógico e da criticidade fazendo com que o individuo desperte para esses questionamentos cotidianos de um modo mais efetivo e próximo da realidade em que está inserido, pois a compreendendo esse é capaz de modificá-la se assim julgar necessário e tornar-se agente de sua própria história. Para isso, a formação filosófica do educador é essencial, pois ele será o orientador, auxiliará no desenvolvimento do sujeito e do seu conhecimento.

Chauí (1994, p.49), expõe:

[...] que a Filosofia com relação às teorias do conhecimento é definida como estudo das diferentes modalidades do saber humano sendo ela indispensável para a construção e consolidação da formação acadêmica de um futuro docente que tem como função promover o conhecimento por meio do



estímulo à pesquisa, a reflexão crítica e a desconstrução e reconstrução das mais diversas teorias científicas.

Essa ausência de questionamentos, a aceitação das coisas como elas são e como se apresentam, o não estímulo à reflexão sobre a sociedade e como as coisas são impostas e devem ser aceitas, foram alguns dos fatores que motivaram este trabalho de pesquisa que teve por objetivo questionar se os professores de Barra do Garças, licenciados em Educação Física, compreendem qual a importância da Filosofia para a sua formação e sua prática profissional.

A PESQUISA

O curso de Educação Física nas Faculdades Unidas do Vale do Araguaia – UNIVAR - possui em sua matriz curricular para o 1º ano, a disciplina Dimensões Sócio - Filosóficas em Educação Física, que, segundo o ementário, possui por objetivo “Subsidiar o licenciando na compreensão do estudo da filosofia, seus conceitos e sua importância dentro da Educação Física, a partir das principais correntes filosóficas, na sua relação com as teorias educacionais, para que possa exercer uma prática pedagógica consciente”. Desde o início do ano letivo, o professor procurou dialogar, trocar informações com os alunos e debater temas pertinentes à Filosofia, a sua importância na vida das pessoas, como ela se apresenta, principalmente para a área em questão, a Educação Física, o quão rica ela pode ser e contribuir para a formação e a emancipação dos alunos, em seu sentido integral, principalmente desmistificando a dualidade existente entre corpo/mente, ainda tão presente, principalmente na Educação Física escolar, e fazendo com que eles percebam como o capitalismo, em suas várias facetas, dita as normas da sociedade, influenciando todo o processo educacional, tendo como alvo principal a ausência de questionamentos em prol da manutenção de um *status quo*. Portanto, pensar é preciso.

A grande verdade é que o afastamento da disciplina Filosofia da escola não é por acaso; faz parte de um projeto muito bem pensado e arquitetado pelos intelectuais orgânicos que militam junto à burguesia capitalista, detentora dos meios e dos modos de produção, fazendo assim com que as diferenças nunca sejam percebidas e que a educação, que há muito agoniza, em nossa sociedade, seja percebida como um bem universal, como direito de todos, sem, é claro, que se perceba a existência de uma educação para os ricos, e de uma “des-educação” para os pobres. No ensino médio, etapa que antecede a entrada de nossos alunos no



ensino superior, período de extrema importância na formação de nossos adolescentes, segundo Bosi (1983, p.135), ela, a Filosofia:

[...] desapareceu abruptamente dos cursos médios. Esta disciplina, cuja propriedade é a da reflexão crítica sobre a teoria e a prática, capaz de perscrutar a significação das ciências da natureza, das ciências do homem, o andamento da cultura e suas implicações ideológicas, é alijada no período crucial de formação do adolescente e, por motivos análogos, praticamente desaparece dos currículos superiores. [...] Aqui, o golpe do poder tecnoburocrático foi mais estrondoso e ostensivo do que em qualquer outro setor da educação superior brasileira.

Um olhar à história recente do Brasil, mais precisamente no período compreendido como de exceção, em meio aos anos de chumbo da ditadura militar, as disciplinas de Sociologia e Filosofia deixaram de ser ministradas por expressa determinação do governo militar, pois poderiam formar, segundo ele, focos de resistência à então ideologia militar/capitalista implantada na época, a ferro e fogo. Vale ressaltar também que foi no governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso que as duas disciplinas garantiram seu retorno ao meio escolar, porém um veto do presidente impediu que tal fato acontecesse, concretizando-se, apenas, no ano de 2008, no governo Lula. Deve ser ressaltado que:

A proposta de retorno da filosofia e da sociologia aos anos finais da educação básica, o ensino médio, é uma reivindicação antiga das lutas democráticas no Brasil. Há 37 anos, em 1971, a Lei de Diretrizes e Bases imposta pelo governo militar as retirou da escola e as substituiu pela Educação Moral e Cívica (EMC) e pela Organização Social e Política Brasileira (OSPB). Estas disciplinas persistiram, mesmo depois da abertura política (1985) e da nova Constituição Federal (1988), vindo a ser retiradas definitivamente com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394, de 20/12/1996). (SOUZA, 2008, p.01).

É notório que os milhares e milhares de alunos que ingressam todos os anos, na infinidade de cursos superiores existentes no Brasil, apresentam em sua formação uma deficiência, quando o assunto é a Filosofia e o entendimento de como ela faz parte do nosso cotidiano e está presente em quase todas as nossas ações, ao longo da vida, não levando em consideração o curso escolhido, pois torna-se necessário o entendimento de que conhecer a Filosofia se torna obrigatório para a formação de um profissional e sua atuação no mercado de trabalho. Medina (1983, p. 68), ainda afirma que:



A tarefa do novo profissional da Educação Física em sua função básica como agente renovador e transformador de cultura subdesenvolvida em que vive só será possível de se concretizar por intermédio de uma prática. Some as nossas ações é que poderão efetivar mudanças numa determinada situação. Aliás, seja qual for a área de atuação, nada acontecerá de fato à realidade existente se não houver uma prática dinamizando esta mesma realidade. Contudo, qualquer prática humana, sem uma teoria que lhe de suporte, torna-se uma atitude tão estéril (apenas imitativa) quanto uma teoria distante de uma prática que o sustente.

No caso específico da Educação Física, o distanciamento da Filosofia traz sérios prejuízos não só à formação educacional dos alunos, mas também à práxis do professor, que, baseado apenas em um conceito de corpo e de movimento engessados, não leva em consideração o movimento histórico da construção desse corpo, o seu vir a ser. Com essa forma de pensar, que se reflete em sua forma de ação, os professores não permitem que seus alunos percebam como a sociedade burguesa procura sorrateiramente legitimar sua dominação sobre uma minoria proletária por meio de mecanismos, como a alienação e a reificação, fatores estes que alimentam essa sociedade burguesa. (BARBOSA, 2005).

Portanto, levar a Filosofia à escola, desde as séries iniciais, torna-se uma ação imprescindível para que a educação consiga contribuir para a formação integral do aluno, não dissociando teoria e prática, mas mostrando que, por meio do amadurecimento do senso crítico, do pensamento, da reflexão, constrói-se uma visão diferenciada de sociedade e de mundo, fugindo do discurso utópico de que a educação é transformadora do mundo apenas como ela se tem apresentado na escola, de forma a manter os anseios da classe dominante.

Nesse sentido, como parte dos estudos relacionados à disciplina, no 3º bimestre, foi solicitado aos alunos do 1º ano de Educação Física, como parte da avaliação bimestral, que eles fizessem uma pesquisa de campo, e entrevistassem um professor licenciado em Educação Física, para que ele respondesse qual a importância da Filosofia para a sua formação profissional. Os alunos foram a campo e trouxeram as entrevistas transcritas, e, posteriormente, junto com eles, o professor fez a tabulação dos dados, dividindo as respostas em categorias assim dispostas: 1ª categoria denominada pela letra (X) - Compreendem a importância; 2ª categoria, denominada pela letra (Y) - Não compreendem a importância; 3ª categoria, denominada pela letra (Z) - Compreendem Vagamente; 4ª categoria, denominada pela letra (T) – Nulos. Foram entrevistados 30 professores de Educação Física da educação básica de escolas municipais e estaduais de Barra do Garças – MT, sendo que, dos



entrevistados, 5 compreendem a importância da filosofia em sua formação, 19 não compreendem, 5 compreendem vagamente, e uma resposta foi nula.

A metodologia utilizada foi a pesquisa de campo que, segundo Lakatos e Marconi (2010, p.169): “[...] é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimento acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre elas”. Para análise dos resultados, utilizamos uma técnica denominada triangulação de dados, que, segundo Mynaio (2007), nos permite analisar a pesquisa, estabelecendo um vínculo entre pensamento e ação, relacionando as questões que se deseja investigar em relação a interesses e circunstâncias condicionados socialmente, sendo impossível conceber certo fenômeno, como algo isolado, sem raízes históricas e sem vinculações estreitas e essenciais com uma macrorrealidade social.

Analizando a fala dos entrevistados e dialogando com o referencial escolhido, pôde-se notar que, para os professores da categoria X, a dos que compreendem o papel da Filosofia para a sua formação e sua prática, o docente consegue perceber sua contribuição, como agente transformador, que propicia o debate e o questionamento sobre diversos temas dentro da Educação Física, analisando-a sob diversos aspectos da cultura corporal, fazendo com que ela assuma o papel de:

[...] refletir sobre as diversas dimensões do corpo humano e não somente sobre a sua mecânica, buscando seu sentido mais amplo, em contextos culturais e sociais dinâmicos. Nesse sentido, a Filosofia pode orientar a Educação Física para situá-la nesses contextos e para pensar-se de forma crítica. (PRADO, 2012, p.01).

Os mesmos professores ainda explicitaram a importância de ser abordada dentro dessa temática, a contribuição da Filosofia nas questões referentes a outros temas a serem trabalhados nas aulas de Educação Física, na escola, como saúde, atividade física, qualidade de vida, buscando refletir e esclarecer aos alunos a importância em saber o porquê de determinados conceitos, como, por exemplo, os modismos dentro das questões relacionadas ao físico, como esteroides anabolizantes e o culto exagerado à beleza física dentro das academias. Também existe uma percepção de que as modalidades esportivas dentro das aulas devam ser tratadas, de forma menos enfática, fazendo com que haja espaço para outros temas, como os jogos cooperativos, as gincanas, as danças folclóricas e o teatro.



Os professores da categoria Y, ou seja, os que em suas respostas não manifestaram existir uma contribuição da Filosofia em sua prática, exaltaram em seu discurso a utilização das modalidades esportivas como sendo o único tema importante dentro da Educação Física escolar, não que deles não possam ser extraídos os mais nobres pensamentos de como refletir sobre essa prática, suas formas de contribuição, e como ela poder ser excludente dentro da escola. As falas de alguns entrevistados, como: “aluno quer é jogar, não pensar”, “filosofia é coisa para intelectual e na educação física o importante é trabalhar o corpo”, “eles não têm paciência para ficar debatendo e pensando, gostam é de coisa agitada, que mantenham eles ocupados” mostram claramente a falta de conhecimento do professor da especificidade de sua área e como ela pode ser um importante instrumento de formação e emancipação humana. E o que é ainda mais sério, nas falas dos professores, talvez sem que percebam, fica clara a presença da dualidade corpo/mente e o enorme abismo existente entre o pensar descontextualizado e o movimentar.

Prado (2012, p.02), nos diz que:

A falta do exercício do pensar conduz a ausência de um espírito crítico ao profissional de educação física, desencadeando uma vulnerabilidade em seu perfil, dando margem à prevalência do senso comum, ao modismo, à negligência quanto à prática profissional e insegurança quanto ao seu papel social. Fazer o exercício do pensar é algo fundamental não apenas para articularmos nossas ideias, mas também como meio de contextualização de objetos de discussão. Apesar de pouco valorizada, a Filosofia na Educação Física vem buscando seu espaço com a tentativa de criar um elo entre a reflexão e as diversas práticas da área.

Dessa forma, o papel do professor, como mediador responsável pela troca de experiências e pela ressignificação de vários conceitos e experiências sociais, fica engessado por um projeto educacional tradicional, ou seja, que não permite o movimento da história como principal construtor do conhecimento, mas vê a educação e seus profissionais pelo olhar da linearidade e da imutabilidade. Shor (1987, p.14) nos remete ao pensamento de que:

[...] a educação deve ser integradora, integrando os alunos e os professores, numa criação e recriação do conhecimento comumente partilhadas. O conhecimento atualmente, é produzido longe das salas de aula, por pesquisadores, acadêmicos, escritores de livros didáticos, e comissões oficiais de currículos, mas não é criado e re-criado pelos estudantes e professores em sala de aula.



Dentro da academia, as diferenças são ainda mais gritantes, principalmente quando se percebe que existe um movimento encabeçado pelos próprios docentes de busca de pesquisa e publicação de artigos científicos, o que para muitos ocasiona a ideia de que, para pesquisar, não serve a sala de aula, o ambiente tem que ser outro, os atores sociais pertencentes à pesquisa não podem ser os próprios alunos, fazendo assim com que os professores se afastem cada vez mais das salas de aula, em nome da pesquisa, do seu reconhecimento diante da comunidade científica, aumentando, o distanciamento entre o aluno e o conhecimento, com a possibilidade do diálogo, de reflexão e de debate.

Se partirmos para uma análise mais aprofundada sobre muito do que é produzido na área da Educação Física e do esporte, no Brasil, torna-se ainda mais evidente a não existência de um objetivo explícito de rompimento com o quadro que se apresenta hegemônico há décadas, no campo esportivo brasileiro, principalmente quando o assunto é direcionado para a pesquisa na área das ciências exatas, nas quais reside também a ideia de abastecer um enorme mercado de publicações, e os debates são sempre tendenciosos, o que torna o caminho a ser perseguido muito mais fácil, simples e sem percalços.

Dentro dessa lógica, a academia se torna mero meio de reprodução, utilizando o seu espaço, antes pensado como de reflexão e de contra-hegemonia, como um forte aparelho ideológico do Estado, por meio de alguns de seus intelectuais orgânicos, tendendo a contribuir com a permanência de uma “hierarquia do conhecimento” no campo acadêmico, uma dominação consentida, disseminada em grande escala, demonstrando força e, ao mesmo tempo, alienação, colaborando, assim, com a manutenção do quadro conservador e manipulador de quem detém o controle da ideologia esportiva no Brasil há muitas décadas. Húngaro (2008, pg. 17) reforça o exposto acima dizendo: “O momento hegemônico se completa com a tentativa, até aqui, bem sucedida de manipulação das consciências. A burguesia opera ideologicamente fazendo com que a sua forma específica de ser convertida na forma de ser de toda humanidade”

Não existe aqui um posicionamento quanto à negação da pesquisa, ou que ela se torne um peso para o processo educacional; o que aqui se pretende defender é a ideia de que hoje em dia muitos dos docentes se intitulam “pesquisadores” e gostam de assim ser alcunhados, partindo para realizar suas pesquisas em vários lugares diferentes, sem ter a clara percepção de que possuem nas mãos, um dos campos mais ricos de pesquisa, a sala de aula e seus alunos. Shor (1987, p.14), nos diz “[...] a primeira pesquisa deveria partir do professor



em relação aos seus alunos em sala de aula, e que isso é uma tarefa básica da sala de aula libertadora, estimulando os alunos a pesquisar o seu cotidiano, a sua realidade”. Portanto, ao mencionarmos a Filosofia como a “ciência das ciências” e sua real importância dentro do contexto de formação do ser humano, não estamos aqui fazendo apologia, mas tomando a atitude filosófica e “ [...] A decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as idéias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido. (CHAUÌ, 2000, p. 09).

Na terceira categoria, a denominada Z, percebeu-se que, dos 30 professores entrevistados, 5 possuem uma vaga noção da importância da filosofia para a sua formação. Porém ainda percebe-se que a falta de leitura sobre temas específicos da área, em detrimento de literaturas voltadas apenas a área do *fitness* e das modalidades esportivas, e a permanência do professor muitas vezes na escola apenas para ministrar suas aulas, pelo fato de possuir outro emprego, faz com que esse profissional não viva o dia a dia da escola, suas angústias, realidades e contradições, fazendo com que muitos tratem o seu emprego na escola como “bico”, tendo como principal atividade profissional e financeira o serviço de *personal trainer*, a academia de ginástica ou clube esportivo.

Nas entrelinhas das falas desses professores, revelam-se alguns pontos importantes que merecem ser aqui ressaltados. O primeiro diz respeito à necessidade de sobrevivência do professor. Com os baixos salários proporcionados pelo governo estadual e municipal, uma realidade nacional e não somente local, eles são obrigados a trabalhar em mais de um ou dois lugares, como forma de sobrevivência, entendida aqui como a satisfação de necessidades básicas do ser humano, como alimentar, vestir, morar entre outras. “[...] com o que eu ganho, não posso me dar ao luxo de comprar livros caros, então, boa forma é mais barato”; “[...] conheço a importância da filosofia para a minha formação, vi na faculdade, mas ela não enche barriga, ficar parado pensando não vai pagar o meu salário, mas sei que tudo que faço e questiono vem da filosofia”. “Não consigo ler um livro de filosofia, sociologia, história, gosto de ler sobre esporte. As revistas como a boa forma e outras me deixam antenados com o que preciso saber sobre o corpo, embora saiba que a filosofia me ajuda a pensar nele de forma diferente, como por exemplo a moda, a saúde....”

Faz-se aqui o seguinte questionamento: se o professor de Educação Física possuísse, em sua formação acadêmica e profissional, um contato maior com a Filosofia, sua práxis não seria diferente?



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada pelos alunos do 1º ano de Educação Física das Faculdades UNIVAR muito mais do que cumprir uma tarefa, teve por pretensão, mostrar o quão a Filosofia pode contribuir em sua formação pessoal e profissional. Em sentido contrário, pode-se vislumbrar que a sua ausência na matriz curricular seja qual for o curso superior escolhido, pode influenciar sua formação de modo a levar o aluno, futuro profissional a ocupar o mercado de trabalho, a apenas fazer valer os interesses de uma classe dominante, que tem por luta principal, a manutenção de seus interesses, de um *status quo*. Para tanto, esse grupo, legitima sua ação, de forma sorrateira, intencional, buscando atuar principalmente por meio do processo educacional, dentro das escolas, dos livros didáticos, e de profissionais que agem sem conhecer a especificidade de suas disciplinas e que, em sua prática, não permitem ao aluno a busca de temas que sejam pertinentes e relevantes para sua vida cotidiana, e para o meio cultural em que vivem, retirando assim o seu direito à reflexão, ao questionamento e à busca de formas de ressignificar a sociedade em que vive.

Nessa lógica, emerge a figura do profissional em questão neste texto, o professor de Educação Física, a sua práxis, e como muitos têm se (des)comprometido com uma Educação Física voltada para a reflexão da especificidade da área, do papel do corpo e de sua construção histórica. Essa ausência de compromisso se mostra mais claramente e de forma mais significativa dentro do espaço escolar, por meio de práticas alienadas e repetitivas, alicerçadas nos modismos e no ritmo desenfreado que é imposto pela sociedade de consumo, fruto do capitalismo, que dita os rumos de nossa sociedade.

Essa tentativa de fazer com que os alunos sigam metodicamente a disciplina, instruções, regras rígidas e uma obediência extrema, sem a presença do diálogo e do questionamento, faz parte de um processo de conformação social e de controle, de uma liberdade vigiada que não contribui para a educação com a qual sonhamos. Portanto, ao utilizarmos o discurso crítico, no processo de desmonte da ideologia, devemos ficar atentos para não objetivá-lo, e, se na natureza das relações com o professor, o aluno apreende, sem questionamentos, os conteúdos e práticas que o meio educacional lhe impõe, estamos falhando na nossa missão de educar e de tirá-lo da alienação em que ele vive.



REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Cláudio Luís de Alvarenga. **Educação Física e Filosofia**. A relação necessária. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

CARMINATI, Celso João. **(Des) Razões da retirada da Filosofia do Ensino Médio no Brasil**. Disponível em: <
<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1225/1038>>. Acessado no dia 08/10/2012.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: dicionário da língua portuguesa**. E. ed. Ver. Ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Hungaro, Edson Marcelo. **Trabalho, tempo livre e emancipação humana: os determinantes ontológicos das políticas sociais de lazer** / Edson Marcelo Hungaro. - Campinas, SP: [264p.], 2008.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 7. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

MEDINA, João Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo e...mente**. 9ª ed. Campinas, SP: Papyrus. 1990.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; NJAINE, Kathie; ASSIS, Simone Gonçalves. ... **Pesquisa social** : teoria, método e criatividade. ... São Paulo: Hucitec, 2007.

PRADO, Alessandro. **Filosofia na Educação Física**. Retirado do site <http://www.peteefeusp.com.br/noticias.php?id=186>. Acessado no dia 12/10/2012.

SHOR, Ira. **Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor** / Ira Shor; Paulo Freire; tradução de Adriana Lopes; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SOUZA, Neymar Machado de. **Volta da Filosofia ao Ensino Médio Aguarda Sanção Presidencial**. Retirado do site: <http://www.filosofianet.org/modules.php?name=News&file=article&sid=78>. Acessado no dia 10/10/2012.

STUCCHI, Maria Tereza Abrahão. **A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DO DOCENTE**. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Docência na Educação Superior da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba – MG.